

ICONOGRAFIA E PERTENCIMENTO: A EXPERIÊNCIA DAS PALESTRAS TEMÁTICAS NO ARQUIVO HISTÓRICO JUAREZ MIGUEL ILLA FONT

HENRIQUE ANTÔNIO TRIZOTO¹



Resumo

A presente pesquisa surgiu de inquietações do autor ao longo dos anos 2013/2016 quando coordenou o Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font – Erechim / RS e era responsável por produzir apresentações temáticas para serem utilizadas ao longo do ano nas escolas que visitavam o Arquivo ou eram visitadas pelo autor. Suscitando recorrentemente a questão: por que a baixa aceitação das temáticas que fogem do óbvio e do “mais do mesmo” sobre a história de Erechim? A partir do exposto e da pergunta supracitada, o objetivo geral é analisar de que forma a iconografia disponível no local representa as noções de pertencimento da comunidade regional. Transversalmente, como objetivo específico visamos compreender papel da iconografia enquanto documento memorialístico. Para atender a proposta o presente artigo foi dividido em três partes: Primórdios Históricos e Geográficos, que apresentam uma breve reconstrução da trajetória da cidade, Apontamentos Teóricos e Metodológicos que compreendem o escopo conceitual da pesquisa, que culminam na terceira parte em que se apresentam os resultados a partir das vivências do autor dentro do espaço Arquivo Histórico. E como resultado, deparamo-nos com a visão estratificada pela historiografia oficial, que dificulta a análise, discussão apresentação de temas que fujam desta perspectiva.

Palavras-chave: Fontes Iconográficas. Arquivo Histórico. Memória. Experiência.

Abstract

This research arose from the author's restlessness over the years 2013/2016 when he coordinated the Juarez Miguel Illa Font Historical Archive - Erechim / RS and was responsible for producing thematic presentations to be used throughout the year in schools that visited the Archive or were visited by the author. Recurrently raising the question: why the low acceptance of themes that escape the obvious and the “more of the same” about Erechim's history? Based on the above and the aforementioned question, the general objective is to analyze how the iconography available on the place represents the notions of belonging to the regional community. Crosswise, as a specific objective, we aim to understand the role of iconography as a memorial document. To comply with the proposal, this article was divided into three parts: Historical and Geographical Beginnings, which present a brief reconstruction of the city's trajectory, Theoretical and Methodological Notes that comprise the conceptual scope of the research, which culminate in the third part in which the results from the author's experiences within the Historical Archive space. As a result, we are faced with the view stratified by official

¹ Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: riquetrizoto@gmail.com.



historiography, which makes it difficult to analyze, discuss and present themes that escape this perspective.

Keywords: Iconographic Fonts. Historical Archive. Memory. Experience.

Introdução

O presente artigo é fruto da tabulação das experiências deste autor enquanto coordenador do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font – Erechim / RS , entre os anos de 2013 e 2016. No período citado, o autor elaborou cinco intervenções aplicáveis às escolas visitantes e visitadas: a primeira trabalhando com os monumentos e sua história, a segunda com a colonização de Erechim, a terceira sobre a revolução de 1923, a quarta sobre a construção da religiosidade em Erechim e por fim, o início e desenvolvimento de Erechim a partir de imagens do acervo. Constatou-se que a primeira e a última intervenção foram as mais aceitas pelos professores e pelas escolas. Neste sentido, a principal questão que nos remeteu foi o porquê da baixa aceitação das temáticas que fogem do óbvio e do “mais do mesmo” sobre a história de Erechim?

As fontes iconográficas e os jornais arquivados no local são os elementos mais procurados por pesquisadores a fim de dar escopo às suas pesquisas ou mesmo para serem objetos de pesquisa para artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e até mesmo teses de doutorado. A cidade de Erechim Rio Grande do Sul é caracterizada por um forte senso de ufanismo e pertencimento. A criação do Arquivo em um primeiro momento serve para guardar essas memórias e a história oficial do município e de suas personagens mais tradicionais.

A contextualização serve para entender o papel do Arquivo Histórico na sociedade local, e sua “necessidade” de atender aos ensejos de grupos sociais específicos. Ele pode ser compreendido então como um espaço de Memória, de acordo com Dosse (2017):

Definidos os lugares de memória como um meio-termo entre memória coletiva e História, o tempo presente corresponde a esse meio-termo também entre passado e presente ou o trabalho do passado no presente. O tempo presente não seria então um simples período adicional destacado da história contemporânea, uma nova concepção da operação historiográfica (p.17).

Hartog por sua vez, tece comentário que norteou a gestão do autor frente ao Arquivo Histórico:



Se os arquivos são "a memória da nação", o dever de memória e a exigência (democrática) de transparência implicam que eles estejam em condições de ser facilmente pesquisados e não apenas por investigadores licenciados. Para questionar os arquivos, vem, desde então, ao primeiro plano, um vocabulário que se apoia tanto na crítica tradicional das fontes quanto na linguagem judicial. O arquivo é, com efeito, uma testemunha, uma prova; fala-se de sigilo, de dissimulação e de confissão (2011, p. 234).

A partir do exposto e da pergunta supracitada, buscamos analisar de que forma a iconografia disponível no local representa as noções de pertencimento da comunidade regional. Transversalmente, buscamos também compreender papel da iconografia enquanto documento memorialístico.

Para atender a proposta o presente artigo está dividido em três partes: Primórdios Históricos e Geográficos, que apresentam uma breve reconstrução da trajetória da cidade, Apontamentos Teóricos e Metodológicos que compreendem o escopo conceitual da pesquisa, que culminam na terceira parte em que se apresentam os resultados a partir das vivências do autor dentro do espaço Arquivo Histórico.

Primórdios geográficos e históricos

O que conhecemos por Colônia Erechim foi a última região a ser colonizada no estado do Rio Grande do Sul, e foi fruto de uma política positivista do governo que buscava lotear e povoar a região de maneira ordenada baseando-se no modelo das pequenas propriedades, para assentar o maior número possível de famílias que vinham das Colônias Velhas (Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Nova Bassano, São Leopoldo, Antônio Prado) e dos países da Europa (Itália, Alemanha, Polônia, Rússia, Romênia, Ucrânia, Checoslováquia, França, Espanha, Portugal, Lituânia...).

De acordo com Pellanda (1925),

O principal núcleo colonial da região serrana é incontestavelmente este, criado em 6 de Outubro de 1908, pelo Estado, e instalado em 1910 com os primeiros 36 colonos, sendo 4 famílias com 28 pessoas e 8 solteiros. O seu desenvolvimento não tem ponto de comparação dentro ou fora de nosso Estado, posto que apenas em 8 anos a sua população aumentou de 32.000 habitantes e a produção, que era nenhuma, se elevou no mesmo espaço de tempo a 3.600:000\$000, dos quais foram exportados 2.574:000\$000. Dez anos apenas depois de fundada, e com oito anos somente de colonização efetiva, foi elevada à categoria de vila em 30 de Abril de 1918 (p. 189).

O estabelecimento destes grupos étnicos ficou a cargo de figuras influentes na política sul rio-grandense, onde podemos destacar Torres Gonçalves (projetista da Colônia) e Severiano de Almeida (primeiro diretor da Inspetoria de Comissão de Terras em Erechim). Economicamente falando, a colônia teve como eixo central de



desenvolvimento econômico, o extrativismo de madeira, afinal, neste primeiro momento era necessário “limpar o território para que se pudessem estabelecer as culturas agrícolas na região bem como a construção de casas, armazéns, casas de pasto e demais estabelecimentos de moradia / negócios”.

Com a evolução econômica, política e social, a cidade passou a modernizar-se e seus habitantes a buscar formas de transparecer esse desenvolvimento, surgindo uma cultura de valorização do status quo. De maneira que as relações sociais que foram se estabelecendo, caracterizavam-se pela criação de sociabilidades, construídas através das interações sociais entre os indivíduos nos grupos sociais, provocando várias combinações entre os envolvidos, essa produção de conteúdos distintos cria efeitos que alteram estas relações sociais. Combinações, que nos fazem refletir que, “além das redefinições das relações sociais, as interações fazem com que os atores sociais redefinam suas experiências sociais a partir da incongruência de suas lógicas de ação” (SILVA, 2009, p. 279).

Neste cenário a representação imagética constitui uma ferramenta interessante para os grupos sociais demonstrarem tudo aquilo que lhes convém e por consequência os diferencia dos outros indivíduos da comunidade.

Apontamentos teóricos e metodológicos

Analisar apenas a representação imagética de uma sociedade não é capaz de dar conta dela em todos os seus aspectos e nexos causais da construção de sua cultura. A construção de uma cultura ou mentalidade histórica “não depende apenas das relações memória-história, presente-passado. A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e são um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores (LE GOFF, 1994, p. 27).

Por outro lado, as fontes iconográficas enquanto elementos constitutivos da memória, “são importantes na medida em que nos ajudam a compreender sua força e o seu poder, pois, a partir desses elementos, ela realiza um esforço de unidade física dos membros que compartilham lembranças singulares” (POLLAK, 1992, p. 204). Em uma sociedade como a erechinense, esses elementos podem ser compreendidos também como “fenômeno socialmente construído, o que também nos permite afirmar que a memória e a identidade “são valores disputados em conflitos sociais” (POLLAK, 1992, p. 204).



As fontes iconográficas cumprem seu papel de elemento que possibilita rememorar acontecimentos e situações que constituíram a construção da memória do grupo social que por hora controla o que deve ser lembrado ou esquecido.

Em outras palavras, o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados; e, ao fazer escolhas, o grupo também sublima, oculta ou esquece outros fatos. Tal aspecto é de fundamental importância para delinear a relação entre passado e a história do tempo presente (MOTTA, 2012, p.28).

Para Certeau:

De parte a parte, a história permanece configurada pelo sistema onde é elaborada a pesquisa. Hoje como ontem, ela é determinada pelo fato de uma fabricação localizada nesse ou naquele ponto desse sistema. Assim, só a consideração desse lugar onde é produzida essa relação permite ao saber historiográfico escapar à inconsciência de uma classe que desconhecia a si própria enquanto classe no interior das relações de produção e que, por isso, desconhecia a sociedade onde está inserida (1976, p.27).

A partir do exposto, analisaremos elementos das apresentações desenvolvidas ao longo dos anos de 2013/2016, utilizaremos uma foto contida na apresentação “Primórdios de Erechim” e uma foto contida na apresentação: “Subindo a avenida e lendo a sua história: o que contam os monumentos nas praças e canteiros do centro de Erechim” organizadas pelo autor a partir de fotos do acervo público do Arquivo Histórico, por serem as imagens que mais possuíam comentários e burburinhos: a Consulado Alemão (nesta foto, aparece desfocada uma bandeira com uma suástica, e é datada da década de 1930) e da igreja Matriz São José:

Figura1: Consulado alemão em Erechim década de 1930 (construção em primeiro plano)



Fonte: Acervo público Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font



Figura 2: Igreja Matriz São José década de 1960



Fonte: Acervo público Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font

A partir das imagens, promovíamos um debate acerca da questão de pertencimento (abordaremos seus desdobramentos no próximo item) e do ressentimento pelo fato da igreja acima ter sido demolida de maneira unilateral pela cúria.

Neste sentido, utilização de fontes iconográficas, Segundo Burke (2004, p. 17):

(...) nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vivida. (...) nossa posição face a face com uma imagem nos coloca face a face com a história. O uso de imagens em diferentes períodos como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informações ou de oferecer prazer, permite lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc. embora textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais na vida religiosa e política de culturas passadas.

Em Erechim, esses registros ficavam a cargo dos fotógrafos Tomazzoni, Zardo e Bernd, que retratavam a sociedade e o status quo a partir de suas lentes e contatos. Essa cultura de valorização do status quo permanece no cerne da sociedade erechinense, e as fotografias continuam sendo uma forma de demonstrá-la, principalmente após o advento das redes sociais e com a popularização dos celulares com câmeras de boa qualidade. Para Hilário Franco Jr.,

[...] uma imagem nunca é autônoma, pois seu significado está ao menos em parte relacionado com o conjunto no qual ela se encontra inserida, isto é, com sua localização física e com a utilização social que recebe; Apenas em conexão



com outras, cumprindo seu papel de instituidoras de discursos, de sistemas semiológicos, é que as imagens – exteriorizadas sob forma verbal, plástica ou sonora – ganham sentido e, conscientemente ou não, expressam determinadas cosmovisões (FRANCO JR. 1996, p. 202, 2003b, p. 100).

Mas como utilizar-se destas imagens se, conforme Kossoy (1999, p. 54) elas sempre “foram vulneráveis às alterações de seus significados em função do título que recebem, dos textos que “ilustram”, das legendas que as acompanham, da forma como são paginadas, dos contrapontos que estabelecem quando diagramadas com outras fotos etc?”.

Nessa mesma linha:

A fotografia é interpretada como fruto do trabalho humano de produção signica, pautado sobre códigos convencionalizados socialmente; como uma mensagem segmentada em plano da forma da expressão e da forma do conteúdo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções signicas diferenciadas de acordo, tanto como o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da mensagem (ESSUS, 1994, p. 04).

Essa problematização é interessante, afinal, de acordo com Fatorelli:

Os comentários, via de regra, não surgem a partir de indagações dirigidas às imagens, referem-se a preconceitos adquiridos em outros momentos e se utilizam das imagens, compreendidas como imparciais, para validar um ponto de vista sobre o tema retratado: validar um ponto de vista, neste caso, não como um entre outros, mas como verdadeiro e único (2003, p.27).

Enquanto Kossoy e Essus generalizam as interferências externas para a análise de fotografias, Fatorelli envia para os comentários, Dubois (1992), traz para o debate, a figura do fotógrafo, tendo em vista que:

O fotógrafo decide antes de fotografar (o que já não é absolutamente “natural”) pois escolhe o tema, o tipo de aparelho, a película, a objetiva, determina o tempo da pose, calcula a abertura do diafragma, foca, posiciona-se num ângulo de visão (...). Depois na revelação todas as escolhas se repetem (formato, papel, operações químicas, eventuais trucagens); em seguida, a prova tirada entrará em todas as espécies de redes e circuitos, sempre todos “culturais” (em diversos graus), que definirão o uso da fotografia (p.80).

Nessa seara, deparamo-nos com o que Chauí (1981) chama de discurso competente, aquele que é instituído, no “qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro, qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância” (p. 7). Gerando uma relativa confusão, pois, a “linguagem institucionalmente permitida ou autorizada [...] no qual os lugares e circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir e, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência” (CHAUÍ, 1981, p. 7). Para Gutiérrez (1995, p. 239): “existirão



tantas interpretações quantos os olhares, porém a capacidade unificadora da imagem faz com que se identifiquem entre si aqueles que compartilham uma mesma imagem cultural”. Nesta mesma linha,

[...] a multiplicidade de cumplicidades que faz o olhar único ser compartilhado como olhares simultâneos e próximos necessários à prática de uma sociabilidade. Revela, enfim, a sensibilidade do olhar que captura recortes e ângulos da multifacetada face do cotidiano fazer dos homens. Cotidianidade onde se debruçam outras sensibilidades em olhares que observam o produto capturado. Remetido a novas singularidades expressivas da reflexão, onde se estabelecem as bases da compreensão e do pensamento (KOURY, 1999, p. 64).

“Ler imagens” constitui-se como uma tarefa de classificar seus sentidos, ler o seu nexo. Para ter-se sucesso, é necessário se aproximar delas, e detalhar seus sinais através de outras fontes: “o trajeto do olhar, as impressões visuais globais, as rupturas ou contradições entre o que é percebido e o que é compreendido... E isso é muito mais amplo do que uma simples leitura” (PEIXOTO, 1998, p. 9). Cabendo aqui uma ideia de revisão acerca dos conceitos, “ler” e “imagem”, pois esta expressão só é dotada de sentido se lembrarmos que a “imagem não é um texto sem palavras e que “ler imagens” é diferente da leitura de um texto onde decodificamos cada signo buscando seu sentido; é, principalmente, a análise do conjunto desses signos e de sua produção” (PEIXOTO, 1998, p. 9).

O pareamento dessas duas formas de linguagem não é uma tarefa simples; “por isso é preciso refletir sobre a melhor forma para se tratar determinado tema num filme, já que elas são abordagens complementares e não maneiras diferentes de se dizer/ler a mesma coisa.”. Nesta mesma linha, Margaret Mead, afirma que “com esses dados visuais e sonoros anotados, conservados e reproduzidos, poderemos analisar cuidadosamente e inúmeras vezes as mesmas informações” (1979, p. 20). E segue: “da mesma forma que os instrumentos de alta precisão enriqueceram nosso conhecimento sobre o universo, uma melhor maneira para preservar esses preciosos documentos culturais pode ampliar nosso conhecimento e nossa apreciação sobre a humanidade” (Mead, 1979, p. 20).

Resultados

Didaticamente falando, das cinco intervenções aplicáveis às escolas visitantes e visitadas: a primeira trabalhando com os monumentos e sua história, a segunda com a colonização de Erechim, a terceira sobre a revolução de 1923, a quarta sobre a construção da religiosidade em Erechim e por fim, o início e desenvolvimento de Erechim a partir de



imagens do acervo, apenas as apresentações compostas apenas as fotos chamavam a atenção dos alunos.

Como resultado, a primeira e a quinta intervenções foram remodeladas e passaram a conter apenas imagens. Slides de textos, apontamentos e curiosidades foram suprimidos, o que surtiu mais efeitos no quesito participação e envolvimento dos alunos, tendo em vista que as apresentações ficaram mais claras e de fácil compreensão por trazerem elementos e locais vistos cotidianamente.

Com relação à questão pertencimento, ficou claro que a sociedade local preza muito pelas “origens”, pois após a projeção da primeira foto e sua explicação os alunos eram perguntados “o que eles eram?”, e a grande maioria citava a etnia de seus pais e avós raramente diziam ser “brasileiros”. Algo corriqueiro na cidade de Erechim, afinal, sempre que alguém se insere em um grupo é questionado “de que família tu é?”. Isso passou de geração em geração.

Quando explicado o contexto da segunda foto sempre surgia o “porquê demoliram?”, afinal é uma contradição visível: a cidade tem caráter ufanista, memorialista, mas demoliu um de seus símbolos. A historiografia oficial diz que a igreja iria cair, os fiéis que frequentavam por sua vez afirmam que a igreja foi dinamitada por interesses econômicos de empresários locais.

Portanto, o debate funcionava para as crianças e adolescentes, mas colocava os professores em uma situação complexa, pois normalmente seus conhecimentos eram oriundos da metodologia memorialística tradicional, algo combatido pelo autor.

Considerações finais

O presente artigo buscava analisar de que forma a iconografia disponível no Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font de Erechim – RS representa as noções de pertencimento da comunidade regional. De maneira que ficou claro que o mesmo era historicamente constituído para rememorar um passado ufanista, quase mítico dos imigrantes. Todavia durante a gestão do autor, esse paradigma foi rompido.

A utilização das apresentações com fontes iconográficas que fugiam dessa lógica, não era bem aceita. Acredita-se que isso seja fruto do fato de muitas famílias pioneiras ainda apresentarem descendentes em solo erechinense. Podemos ainda inserir a constatação que ao longo de sua história a cidade construiu e estratificou um passado comum (imigração / migração) que interliga famílias e etnias.

Com relação às apresentações, podemos afirmar que a utilização de imagens agrega mais elementos para o debate e diminui os índices de dispersão dos alunos, pois a cidade preserva traços quase centenários que são cotidianamente visualizados por eles. Em suma, a utilização de fontes iconográficas se configura como uma excelente ferramenta para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem acerca da história regional, todavia exige do pesquisador um planejamento estratégico para que o trabalho não fique extenso nem complexo para o público alvo.

Data de Submissão: 31/05/2020

Data de Aceite: 20/07/2020





Referências Bibliográficas

- ARQUIVO NACIONAL. Orientação para avaliação e arquivamento intermediário em arquivos públicos. Rio de Janeiro: o Arquivo, 1985.
- BARTHES, R. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 58, 1984. Tradução de Júlio Castañon Guimarães.
- BURKE, P. Testemunha Ocular: história e imagem. Bauru: SP/EDUSC, 2004. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos.
- CERTEAU, M. A. Operação Histórica. In: NORA, P., & LE GOFF, J. História: novos problemas. 3. ed. [s/n.]: Rio de Janeiro, 1976.
- DOSSE, F. História do Tempo Presente e Historiografia. In: Diálogos do tempo presente: historiografia e história. [recurso eletrônico] / LAPUENTE, R. S.; GANSTER, R.; ORBEN, T. A. (org.), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.
- DUBOIS, P. O acto fotográfico. Lisboa, Vega, 1992.
- DUCATTI NETO, A. O Grande Erechim e sua história. Porto Alegre, Grafosul, 1981.
- ESSUS, A. M. M. de S. A. Através da Imagem I: Possibilidades teórico-metodológicas para o uso da fotografia como recurso midiático, uma experiência acadêmica. In: LABHOI, Primeiros Escritos, nº 1, julho-agosto de 1994.
- FATORELLI, A. Fotografia e Viagem: entre a natureza e o artifício. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2003.
- FAVARIN, R. A importância do arquivo histórico Juarez Miguel Illa Font nas produções literárias e historiográficas de Erechim. 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3626>. Acesso em 10, maio 2020.
- FRANCO JR., H. A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval. São Paulo: Edusp, 1996.
- FRANCO JR., H. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: reflexões sobre mentalidade e o imaginário. Signum 5, 2003b
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores associados: Cortez: 2011.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GUTIÉRREZ, M. R. Testimonio y poder de la imagen. In: BAZTÁN, A. Aguirre. Etnografia. Barcelona: Marcombo, 1995.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. SP: Vértice, 1990.
- HARTOG, F. Evidência da história: o que os historiadores veem. SP: Autêntica, 2011.



KOURY, M.G. P. Imagem e narrativa ou, existe um discurso da imagem? Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, UFRGS, IFCH, PPGAS. Ano 5, n.12, p. 59-68, dez.1999.
LE GOFF, J. "Memória". In: História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

MEAD, M. - "L'anthropologie visuelle dans une discipline verbale". In: De France Pour une anthropologie visuelle, Mouton Editeur, 1979.

MOTTA, M. M. M., História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs) Novos Domínios da História. RJ: Elsevier, 2012.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenzo Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani.

PEIXOTO, C. Caleidoscópio de imagens: o uso das imagens e a sua contribuição à análise das relações sociais. Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.

PELLANDA, E. Colonização germânica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1925.

PIRAN, N. Agricultura familiar: lutas e perspectivas no Alto Uruguai. Erechim, EdiFAPES, 2001.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, RJ, v.2, n.3, p.3-15, jun. 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 20 maio 2020.

SILVA, R. M. D. da. O conceito de experiência social em François Dubet: possibilidades analíticas. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 1, p. 275-290, 2009.

SONTAG, S. Sobre fotografia. Editora Companhia das Letras, 2004.